

Os jesuítas e as ciências no Brasil e Portugal: quando a história se (re)faz, de Carlos Ângelo de Meneses Sousa e Sheila Cristina Monteiro Matos (Orgs.) (Brasília: Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade/Universidade Católica de Brasília/Cidade Gráfica, 2020)

Ramon Lamoso de Gusmão | Universidade Católica de Brasília (UCB)

rgusmao07@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5182-469X>



A relação dos jesuítas com a ciência não é um tema novo, mas certamente desperta paixões e debates tão intensos quanto a evangelização e a educação inacianas. *Os jesuítas e as Ciências no Brasil e Portugal: quando a história se (re)faz* é um exemplo do que alguns classificam como Nova História ou Nova Historiografia da Companhia de Jesus. A coletânea foi publicada, em formato impresso e digital, em 2020, pela Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade, da Universidade Católica de Brasília (UCB). O livro é organizado pelo doutor em Sociologia e professor do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da UCB, Carlos Ângelo de Meneses Sousa, e pela doutora em Educação, Sheila Cristina Monteiro Matos.

Para além da reconhecida aptidão como evangelizadores e educadores, os jesuítas demonstraram outra vocação.

Longe de pretender apagar, negar ou contradizer o vastíssimo conhecimento acumulado sobre essa Ordem religiosa, o livro nos leva a conhecê-la sob outras perspectivas, tempos e espaços. Traço em comum, os cinco capítulos expõem confluências entre educação, ciência, política e religião. Mas, acima de tudo, tratam da propensão dos inicianos para produzir ciência e difundir conhecimento. A fotografia que ilustra a capa já é um atrativo à curiosidade sobre quem foram os “padres-professores-pesquisadores” jesuítas exilados no Brasil, na primeira metade do século XX.

Na apresentação, os organizadores Carlos Ângelo e Sheila Monteiro defendem a necessidade de superar visões maniqueístas sobre os jesuítas, indo na contramão de estudos que realçam o caráter obscurantista e monolítico da Companhia de Jesus. Nesse aspecto, seguem outros autores contemporâneos. Para o historiador britânico Jonathan Wright (2006), por exemplo, o ataque iluminista do século XVIII contra os inicianos contém interpretações parciais, inconsistências e até falsificações.

Se não, como negar as contribuições dos “30 observatórios astronômicos controlados pela Companhia em 1773, e as 26 cadeiras de matemática ocupadas pelos jesuítas na Europa em 1762” (Wright, 2006, p. 207)? As divisões internas na Companhia de Jesus sobre a perseguição contra Galileu são outro exemplo levantado por Wright (2006). Em um mundo ainda marcado pela ciência aristotélica, vários jesuítas defenderam Galileu, o que atestaria a diversidade “emblemática de uma ciência jesuítica” (Wright, 2006, p. 204-205). Esse argumento corrobora interpretações renovadas acerca da heterogeneidade da Ordem e de seus discípulos.

A intenção da coletânea não é apagar ou negar o percurso de tumultos e turbulências (estas duas últimas palavras são usadas pelos próprios organizadores). No entanto, como fica evidente no título, a proposta é recontar parte da história dos jesuítas pelos legados científicos, com foco no mundo luso-brasileiro dos séculos XIX e XX.

Nos cinco capítulos, destaca-se a análise de uma multiplicidade de fontes, personagens, períodos e locais ainda pouco explorados - como a singular presença iniciano na cidade baiana de Caetité. Um dos méritos é fugir das cartas como principal fonte de investigação. É fato que as correspondências são um aspecto caro à história da Companhia de Jesus e muitas vezes incontornáveis para quem se dedica a pesquisar os jesuítas. Na coletânea, entretanto, a revista científica *Brotéria*, fotografias, ilustrações, reportagens, artigos científicos, relatórios e textos de divulgação científica surgem no primeiro plano. As epístolas obviamente não perdem a relevância, mas são frequentemente adotadas como material de apoio para confrontar outros documentos históricos.

A publicação é resultado do projeto de pesquisa sobre a trajetória de intelectuais e instituições educacionais, e suas relações entre ciência, religião e política, desenvolvido na Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade da UCB. A cada capítulo, tem-se a sensação de voltar no tempo e participar, como leitor privilegiado à época, das relevantes descobertas científicas da rede internacional de missionários jesuítas.

No primeiro capítulo, o bioquímico e historiador Francisco Malta Romeiras, da Universidade de Lisboa, retorna ao século XIX. Ele conta como ocorreu a restauração da Companhia em Portugal, após a expulsão no período pombalino. Na segunda metade do século XIX, esse renascimento foi marcado pela criação de dois colégios: Campolide e São Fiel. Lá, os jesuítas promoveram fortemente o ensino e a prática de ciências como Química, Física, Biologia, História Natural e Astronomia. De São Fiel saiu o Nobel de Medicina António Egas Moniz (1874-1955).

Romeiras argumenta que a criação de academias científicas e literárias nos dois colégios foi decisiva para a retomada da confiança na educação inaciana pelas elites portuguesas. “Consciente da longevidade e ampla aceitação das acusações pombalinas de obscurantismo, os jesuítas procuraram desde a restauração da missão portuguesa recuperar a sua credibilidade educativa e científica” (p. 39-40), afirma o historiador português. Mas com o advento da República, no início do século XX, os jesuítas foram novamente perseguidos e expulsos de Portugal, em 1910. Proscritos, muitos partiram para o exílio no Nordeste brasileiro. Estudos, instrumentos científicos, manuscritos, materiais de pesquisa e coleções zoobotânicas foram confiscados e ficaram dispersos por universidades e outras instituições europeias.

Mas nem a perseguição dos republicanos nem o exílio foram suficientes para conter o ímpeto científico dos jesuítas. A revista *Brotéria* talvez seja a prova mais palpável. Com mais de 1.300 artigos publicados, ela circulou por exatos 100 anos, entre 1902 e 2002. A revista científica pioneira era inteiramente dedicada às descobertas da botânica e zoologia. Segundo Romeiras, “referência para a comunidade internacional de naturalistas, a *Brotéria* contribuiu, ao longo da sua história, para a divulgação de mais de duas mil novas espécies de animais e plantas” (p. 43), em países de cinco continentes. Digno de nota é o fato de a revista utilizar-se da rede internacional de colaboradores, das correspondências e das missões – tão caras ao projeto evangelizador da Companhia – para o progresso da ciência.

A trajetória de um colaborador assíduo da *Brotéria* é o tema do segundo capítulo. As doutoras em Educação e professoras da Universidade do Estado da Bahia, Livia Maria Goes de Britto e Jaci Maria Ferraz de Menezes, apresentam um perfil do padre Camille Torrend. Foi professor e cientista no Colégio de Campolide. Com a instauração da República e expulsão dos jesuítas, exilou-se em Salvador, em 1914, onde permaneceu até a morte, em 1961. Na capital baiana, integrou por décadas o corpo docente do tradicional Colégio Antônio Vieira, que então dava os primeiros passos.

Torrend frequentou as páginas do periódico durante cinco décadas. Até 1920, a média foi de pelo menos um artigo por ano, o que demonstra a capacidade intelectual e produtiva do jesuíta. Vão desde contribuições para o estudo dos fungos em Portugal até temas ligados à fauna, flora e agricultura na Bahia. As autoras o classificam como o “professor-pesquisador”.

A curiosidade científica de Torrend mostrou-se certa. Cem anos atrás, interessou-se por temas atualíssimos como a proteção do meio ambiente e das terras e populações indígenas. Como resultado de uma expedição ao sul da Bahia, sugeriu a “criação de reservas naturais para assentar tribos indígenas e evitar a destruição total da Mata Atlântica [...]” (p. 56), conforme citam as autoras do artigo. Tanto empenho e aptidão pela ciência levaram Torrend a descobrir novas espécies. Há inclusive um fungo batizado em sua homenagem.

As missões científicas do padre Torrend ganharam tamanha notoriedade que inspiraram outras propostas de políticas públicas. É o caso da criação de um centro de pesquisas para a lavoura do cacau. Esse foi um dos resultados da comissão técnica formada pelo governo da Bahia e integrada por ele, após viagem à região cacauzeira, em 1918. Novamente visionário, discorreu sobre a necessidade de controlar as pragas nos cacauzeiros. Curiosamente, foi um fungo, a praga conhecida popularmente como “vassoura de bruxa”, que dizimou a lavoura de cacau no sul da Bahia, a partir de 1989. É considerada a maior crise na cacauicultura brasileira.

Como se acompanhássemos uma expedição científica, deixamos os fungos do cacauero para descobrir, no terceiro capítulo, o instigante e microscópico universo das diatomáceas. Essas algas unicelulares, com importância econômica e aplicação em inúmeros setores da agricultura e indústria, foram o objeto de estudo do padre alemão Carlos Zimmermann. Ele também integrou o grupo de jesuítas exilados na região Nordeste. Foi professor em São Fiel e um dos fundadores da revista *Brotéria*. Pesquisou, descobriu 51 novas espécies de diatomáceas e compartilhou os resultados em dezenas de artigos.

Analisando os textos da *Brotéria*, Carlos Ângelo de Meneses Sousa e Aparecida Valéria Silvano de Souza, mestra em Educação pela UCB, revelam a preocupação de Zimmermann com o rigor metodológico nos estudos das diatomáceas. Além de encontrar novas espécies, destacam a capacidade de descrevê-las e representá-las por meio de desenhos. Tal qual vários colegas de exílio, Zimmermann encontrou no Colégio Antônio Vieira, em Salvador, um espaço propício para continuar a ensinar, pesquisar e divulgar os achados científicos.

Aliás, é possível identificar vestígios e marcas desse modelo iniciano de educação humanista, religiosa e científica em homens públicos da magnitude de Anísio Teixeira? A resposta é sim, segundo os argumentos apresentados pela autora do quarto capítulo, Sheila Cristina Monteiro Matos. O artigo é parte da pesquisa de pós-doutorado na Universidade Católica de Brasília, sob a supervisão do professor Carlos Ângelo. Antes de se tornar o célebre professor, gestor, educador e líder do movimento pela educação laica, pública, gratuita, democrática e de qualidade, Anísio Teixeira foi aluno de duas escolas inicianas: o Colégio Antônio Vieira, e o Instituto São Luiz Gonzaga, em Caetité, sua cidade natal, no sertão da Bahia.

Apoiando-se em fontes documentais que remontam à vida escolar e acadêmica, e no *Ratio Studiorum* (1599), a autora afirma que a formação jesuíta foi decisiva para definir a figura pública e o pensamento de Anísio. Segundo Sheila Cristina Monteiro Matos, o apostolado pedagógico fortemente caracterizado pelo ensino científico e filosófico “forjou as bases doutrinárias (princípios, hábitos, atitudes, posturas) para que fosse um grande intelectual que marcaria as ideias pedagógicas brasileiras no século XX” (p. 114).

O quinto capítulo encerra a coletânea, organizada seguindo um modelo dedutivo, do geral ao particular. Isto é, do renascimento da Companhia no século XIX, em Portugal, passando pela expulsão e exílio de jesuítas no Brasil (no capítulo 1), suas descobertas e valiosas contribuições científicas (nos capítulos 2 e 3), e os legados educacionais representados pelos colégios e intelectuais notáveis como Anísio Teixeira (nos capítulos 4 e 5).

O protagonista do último capítulo é o Instituto São Luiz Gonzaga, fundado em 1912, em Caetité, por parte do grupo de exilados. Característicos da República Velha, o coronelismo e interesses políticos locais foram decisivos na criação da escola. Mais uma vez, o ponto alto é a pluralidade das fontes: reportagens de um jornal local, fotografias e o cotejamento destes com cartas jesuíticas.

Muito mais que uma curiosidade, o fato de o pai de Anísio Teixeira, o coronel Deocleciano Teixeira, ter apadrinhado a criação do colégio, revela o quão intrincadas são as relações entre educação, política, ciência e religião, especialmente no caso dos jesuítas. Além de decisivo no surgimento do Instituto, há indícios de que o acirramento político na Bahia dos anos 1920 também tenha sido um dos fatores para o fechamento da escola, em 1925.

Segundo os autores do artigo, Fernanda de Oliveira Matos e Felipe Eduardo Ferreira Marta, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), o grupo político vencedor era apoiado pelo pai de Anísio. Em seguida, o filho foi convidado pelo governador para assumir o cargo equivalente ao atual secretário estadual de Educação. Se a passagem pelo colégio jesuíta diz muito sobre Anísio, o artigo revela que os vínculos entre educação, política e religião merecem um olhar mais minucioso na biografia do brilhante educador.

A despeito de o livro se restringir aos séculos XIX e XX, em Portugal e no Brasil, o interesse dos inicianos pela ciência é secular. Ele vem dos primórdios da Companhia de Jesus, e da própria ciência moderna, ambas nascidas no século XVI. Por isso, faz falta um panorama histórico sobre esse entusiasmo dos jesuítas pelo universo temporal. Mas essa lacuna não compromete o resultado do livro. A obra cumpre plenamente o objetivo de atualizar o conhecimento sobre a produção científica dos inicianos no mundo luso-brasileiro.

Ainda assim, vale retomar e citar alguns autores e obras que dialogam com *Os jesuítas e as Ciências no Brasil e Portugal* (2020) e enfatizam o combate dos “soldados de Cristo” em defesa das ciências. Sérgio Buarque de Holanda chamou atenção para o pendor científico dos inicianos, no clássico *História Geral da Civilização Brasileira*. Ele dedica algumas páginas ao que classifica como “medicina jesuítica”. A assistência médico-farmacêutica, no Brasil colonial, foi obra dos missionários. Em cada colégio, mantinham “uma botica e uma enfermaria para o tratamento dos nativos da terra e dos colonizadores” (Holanda, 2004, p. 147).

Também guardavam um manuscrito, conhecido como *Coleção de Receitas*, com as fórmulas dos tratamentos. A mais conhecida das receitas, indicada para uma série de doenças, chamava-se *teriaga brasílica*. Foi tornada pública por outro historiador, o padre jesuíta Serafim Leite, autor da *História da Companhia de Jesus no Brasil*, a mais completa obra sobre a presença dos inicianos no país, em dez volumes. (Holanda, 2004).

Mais recentemente, a historiadora Daniela Buono Calainho (2005) retomou os vestígios do interesse iniciano pela ciência, a relação entre religião e ciência, e casos de circularidade cultural, nos primeiros séculos da colonização portuguesa. Ela esclarece que os medicamentos das boticas vinham do Reino, mas se deterioravam e chegavam com pouca frequência. Por isso, os missionários passaram a usar também os recursos naturais e os conhecimentos curativos dos indígenas.

Neste aspecto, as cartas jesuíticas oferecem referências abundantes sobre a mescla entre os saberes europeus e nativos. Em carta de 1560, o padre José de Anchieta (1933) testemunhou, experimentou e comprovou que havia muitas árvores e raízes de plantas úteis à medicina, encontradas em demasia no Brasil e largamente usadas pelos indígenas. Ele considerou “digna de notícia” uma árvore da qual se extraía “um líquido semelhante à resina, útil para remédio, [...] ótimo para curar feridas” (Anchieta, 1933, p. 126). Na mesma carta, faz referência a mais uma árvore “de cuja casca cortada com faca, ou do galho quebrado, corre um líquido branco como leite, porém mais denso, o qual, se se beber em pequena porção, relaxa o ventre e limpa o estômago por violentos vômitos” (Anchieta, 1933, p. 127).

Essa cura física prometida pela “medicina jesuítica”, no entanto, não foi desinteressada. Funcionou também como recurso para a conversão. Em diversas cartas, Anchieta deixa claro que a obra dos jesuítas perpassava igualmente a salvação temporal, com a cura de doenças, e espiritual, com a salvação das almas. O tratamento de enfermidades funcionava como porta de

entrada, o primeiro passo para conquistar a confiança e catequizar os indígenas. São diversas as referências a ele mesmo e aos jesuítas como “médicos do corpo e da alma” (Anchieta, 1933). É evidente a relação simbólica e real entre ciência e religião, doença, cura e conversão.

Além desses, são inúmeros os exemplos da lendária capacidade de adaptação dos inicianos, como os famosos “ritos chineses” de Matteo Ricci. Não chega a surpreender, portanto, que ela tenha se mostrado igualmente presente em relação à ciência. Em diferentes ocasiões, lugares e períodos históricos, jesuítas demonstraram que ciência, religião e diversidade cultural não são incompatíveis nem tampouco excludentes, ainda que o contrário também seja verdadeiro, como o prova o processo de conversão na América Portuguesa.

Mais que uma acomodação à cultura científica, o livro organizado por Carlos Ângelo e Sheila Cristina reforça a existência de uma vocação inaciana para a ciência. É possível ainda imaginar que os preceitos e regras vivenciadas no âmbito religioso tenham contribuído para os jesuítas aprenderem, praticarem, ensinarem e divulgarem o método científico.

Longe de ser um tema esgotado, a coletânea prova que os estudos sobre os jesuítas seguem gerando novas descobertas, como fizeram seus “padres-professores-pesquisadores”, ao longo dos últimos cinco séculos. Filhas do mesmo espaço e tempo histórico, a Europa do século XVI, mas antagônicas em seus objetivos, a Companhia de Jesus e a ciência moderna têm mais pontos de contato do que o movimento antijesuíta pôde ou quis enxergar.

Referências bibliográficas

- ANCHIETA, José de. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta S. J. (1554-1594)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.
- CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e medicina no Brasil colonial. *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 10, nº 19, p. 61-75, 2005.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira – a época colonial: administração, economia, sociedade* (tomo 1, volume 2). 11ª edição – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses; MATOS, Sheila Cristina Monteiro (Org.). *Os jesuítas e as ciências no Brasil e Portugal: quando a história se (re)faz*. Brasília: Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade/Universidade Católica de Brasília/Cidade Gráfica, 2020, 152 p.
- WRIGHT, Jonathan. *Os jesuítas: missões, mitos e histórias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.